

Os documentos da Associação de ex-alunos, funcionários e professores do Colégio Nova Friburgo (CNF): reconstruindo o ideário pedagógico de uma instituição escolar experimental

Pablo Silva Machado Bispo dos Santos
Doutorando - Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-rio)

Este trabalho corresponde à análise de documentos sobre o CNF obtidos juntamente ao endereço eletrônico da internet (www.gnfcnf.org.br) mantido pela AEX/CNF. Dentre todos os documentos presentes no referido endereço eletrônico, foram selecionados alguns dos que faziam menção explícita ao CNF, e/ou registravam algum momento da história deste Colégio. Cabe destacar que este material faz parte do Centro de Memória do CNF, parte integrante da AEX/CNF¹ cujo responsável é Pedro Paulo Lomba (ex-aluno do CNF).

Devido à principal proposta deste trabalho ser a de buscar analisar as idéias filosóficas, pedagógicas, políticas e administrativas e práticas pedagógicas desenvolvidas no CNF pela via do estudo de sua memória institucional (e assim melhor compreender o CNF a partir destes elementos), e, tendo em vista o referencial teórico adotado, que supõe a inexistência de idéias sem um discurso que as veicule (PERELMAN & OLBRECHTS-TYTECA, 2001) e nem tampouco um discurso que não se utilize de algum suporte material para se efetuar (DUBY, 1993), assim, vendo no documento impresso um dos locais privilegiados para a apreensão do discurso quando tomado em sua materialidade (CHARTIER, 1991), entende-se que a análise de impressos relativos ao CNF diferentes da *Revista* editada por esta instituição oferece mais subsídios para a apreensão e para a compreensão da história das referidas idéias, veiculadas pelo discurso dos atores do CNF e tornadas concretas em seus documentos impressos, nos quais procuro analisar algo mais do que o seu caráter “monumental” (LE GOFF, 1985). Assim, farei a seguir uma análise de alguns dos documentos relativos ao CNF e constantes do Centro de Memória do CNF², os quais foram selecionados tendo em vista as referências feitas pelos atores deste Colégio, e

¹ O responsável pelo Centro de Memória do CNF é Pedro Paulo Lomba. Segundo este ex-aluno, um dos objetivos da Associação de ex-alunos, ex-professores e ex-funcionário do CNF seria o de colocar à disposição do público mediante a divulgação no referido endereço eletrônico, o conteúdo deste Centro de Memória, criado a partir dos registros documentais possuídos pelos membros desta Associação.

² Ver em anexo os Depoimentos e Documentos relativos ao CNF.

buscando identificar no discurso destes o modo como as idéias (em especial as idéias políticas e pedagógicas) se fazem presentes nos depoimentos coligidos e presentemente analisados.

Depoimentos de ex-alunos e de um ex-professor do CNF

São analisados neste item cinco depoimentos, sendo quatro de ex-alunos e o de um ex-professor do CNF. Em tais depoimentos, a primeira vista pode ser percebida a idéia de nostalgia em relação ao tempo em que estes atores estavam presentes no CNF, especialmente no tocante ao caráter “paradisíaco” da localização do Colégio, à Idéia de excelência do ensino e o caráter de formação moral “sadia” oriundo do ideário político-pedagógico do Colégio³.

Dando seqüência à análise empreendida neste item, é necessário explicitar que, com vistas a tornar mais ordenada e coerente esta análise, opto por dividir a apresentação de seus resultados em três subitens relativos aos depoimentos dos ex-alunos e de um ex-professor do CNF, assim como procuro expor em um segundo sub-item, as primeiras impressões de uma análise comparativa dos diferentes tipos de depoimentos analisados.

a) Depoimentos de ex-alunos

O primeiro depoimento de ex-alunos analisado intitula-se: “CNF O Verdadeiro Legado” e consta da autoria o ex-aluno Mark Anthony de Mello. Neste, os principais elementos dizem respeito aos aspectos relativos à excelência do CNF (desvinculada da “suposta” excelência da FGV), à formação moral e cívica promovida por este Colégio e à idéia de “personificação” do Colégio, sendo este apresentado como uma espécie de “ente coletivo”. No que se refere à excelência do CNF, o autor deste depoimento indica que o Colégio seria uma instituição de referência em âmbito internacional e que não teria sido devidamente valorizada pela FGV, enquanto instituição mantenedora do CNF. Isto se comprova ao analisarmos a seguinte passagem do depoimento: *“Quanto à FGV (...) limito-me a dizer que não foi capaz de tocar o mais importante Projeto Educativo da*

³ Merece ser destacado que o lema do Colégio, conforme foi visto no terceiro capítulo era: “Saúde, Saber e Virtude”. Tal como veremos adiante nos itens relativos à análise dos depoimentos e à análise do Hino do CNF, estas idéias permeiam grande parte do discurso dos que testemunharam a história do CNF, indicando que estas idéias tornaram-se realmente elementos marcantes em todos os aspectos da história desta instituição escolar.

América Latina nos últimos 50 anos". Tal passagem ilustra de maneira bastante significativa o impacto que as idéias pedagógicas do CNF e a ideologia de excelência do Colégio (tal como captado também na matéria dos artigos e sugestões da *Revista Curriculum*) produziram sobre este ex-aluno, além de nos levar a crer que, vinculado a estas idéias havia a premissa de que o aluno deveria valorizar intensamente o Colégio Nova Friburgo (tal como veremos também mais adiante na parte deste trabalho referente à Análise do Hino do CNF). Seguindo em frente na análise do depoimento de Mark Anthony de Mello, percebe-se em uma passagem deste a idéia de que o CNF seria um "ente personificado", e que sua "missão institucional" seria também uma espécie de "missão de vida" deste "ente personificado", isto se verifica mediante a análise da seguinte passagem: "*A entidade CNF cumpriu mais uma vez a sua missão, unindo suas crias tantos anos depois (...)A entidade CNF parecia querer falar conosco, 'olhem o que fizeram comigo! Olhem meus prédios caindo aos pedaços, meus vidros quebrados, minhas quadras cobertas com o tabuado sem trato, meus jardins, meus telhados, além de perder minhas crianças e sua algazarra musical, perdi meus mestres, fui doado a pessoas estranhas [entenda-se aí a UERJ⁴] e ainda sou maltratado, sinto-me um velho morimbundo*". Lendo este trecho um tanto comovedor do depoimento deste ex-aluno, pode-se perceber o quanto no nível das emoções, o CNF (inclua-se aí, idéias pedagógicas, administrativas, políticas e filosóficas, configuradas nos elementos materiais e simbólicos que compunham o CNF) imprimiu em seus atores a sua marca. Igualmente cabe indagar em que medida a menção ao CNF enquanto "ente personificado" não expressa também o lamento de um ex-aluno que busca mediante o "empréstimo de uma voz" (RANCIÈRE, 1995) a este "ente" trazer à luz sua indignação quanto aos destinos do Colégio e seu desejo de volta ao passado, especialmente no que se refere ao convívio com os demais atores (por exemplo, quando vemos referências aos mestres e à algazarra das crianças) e com suas instalações (se for levada em conta a referência explícita às condições de degradação do prédio que abrigou o CNF). Ainda no que se refere à indignação deste ex-aluno, é interessante indicar que esta não se manifesta (ao menos no âmbito deste depoimento)

⁴ De acordo com o endereço eletrônico do Instituto Politécnico da UERJ (<http://www.iprj.uerj.br/7000hist/his001>): "O IPRJ [Instituto Politécnico do Rio de Janeiro], criado pelo Decreto 13.937 de 24 de novembro de 1989, iniciou suas atividades em março de 1990 em Nova Friburgo. Era um Instituto de Pesquisas de Tecnologia de Ponta vinculado à Secretaria de Estado de Ciência e Tecnologia do Governo Moreira Franco".

somente pela “expressão de um lamento do CNF”, mas também pela referência a uma atitude ativa, especialmente na esfera política, proposta aos antigos companheiros do CNF, reunidos na atualidade pela AEX/CNF, ligada indissociavelmente à idéia de formação moral e cívica implementada pelo Colégio e que deveria ser encarada por todos como “o Verdadeiro Legado do CNF”. A passagem do depoimento de Mark Anthony de Mello que ilustra esta idéia é a seguinte: *“Lembro-me quando desfilava na Banda, sentia-me como parte de uma verdadeira tropa de elite, bravo, viril e pronto para qualquer missão. Em 07 de setembro, o dia da independência (...) Manifestação Política em prol da Nação, Espírito Pátrio e Participação (...) este é o verdadeiro legado do CNF”*. Deste modo, ao conclamar seus companheiros membros da AEX/CNF para uma “Manifestação Política em prol da Nação”, tem-se a impressão de que o ex-aluno autor deste depoimento se sentiria ainda “membro de uma tropa de elite” (metamorfoseada segundo o autor, na atual AEX/CNF), mesmo tendo sido transcorridos vários anos desde a extinção do Colégio. Desta forma, conclui-se que as idéias relativas à orientação política e à proposta de formação moral (associadas às noções de “virilidade” e “prontidão frente a qualquer missão” vistas na passagem citada anteriormente) e formação cívica (quando as referidas idéias de “virilidade” e “prontidão frente a qualquer missão” se remetem ao emblemático desfile da Banda do CNF no Dia 07 de Setembro /Dia da Independência) implementadas pelo CNF teriam sido fortemente marcantes para seus alunos, levando a atitudes tais como a do autor deste depoimento, o qual identifica na Manifestação Política e na defesa da Pátria “o Verdadeiro Legado do CNF”.

O segundo desta breve série de depoimentos de ex-alunos tem como título: “Uma Educação Excepcional” e a autoria é de Clóvis Cavalcanti. Tal depoimento se caracteriza por apresentar como elemento de maior destaque a noção de que o caráter de excelência do CNF estaria associado à idéia de que seu ensino teria na “qualidade superior” a justificativa para o alto custo das mensalidades, procurando demonstrar esta idéia ao apresentar aspectos da orientação didática e das atividades de ensino desenvolvidas no CNF, assim como procura aludir à competência de seus professores. Ainda com o objetivo de ilustrar a excelência do CNF, Clóvis Cavalcanti menciona igualmente a importância do Colégio à época de sua criação, usando como base de sua argumentação a visita do Presidente Eurico Gaspar Dutra na solenidade inaugural do CNF. No que se refere ao primeiro dos pontos de

destaque ora elencados, se torna possível identifica-lo a partir da análise das seguintes passagens extraídas do depoimento de Clóvis Cavalcanti: “*O cenário era extraordinário (...) a educação no CNF só pode ser classificada com uma palavra: excepcional*”. Nesta primeira passagem, percebe-se que a lembrança do CNF surge associada à idéia de que esta “educação excepcional”, encontraria sua contraparte material no cenário bucólico, cercado por paisagens naturais paradisíacas. Torna-se impossível não recordar que, conforme mencionado anteriormente, o CNF teria se inspirado na *École des Roches*, e que esta instituição educacional tinha como uma de suas propostas, situar-se em paisagens campestres. Desnecessário dizer que a cidade de Nova Friburgo representaria um local bastante adequado para a materialização desta proposta, principalmente se for levado em consideração que este Colégio foi construído num vale cercado por uma região de Mata Atlântica, contando com cachoeiras, matas e montanhas ao redor, possibilitando assim inferir de que maneira os aspectos relativos à localização geográfica e à infraestrutura física do CNF, cunhados em estreita articulação com o ideário da *École des Roches* (CARVALHO, 1988) teriam impactado de maneira tão forte alguns de seus ex-alunos. Ainda com relação à “educação excepcional” a que alude o autor deste depoimento, cabe explicitar que este identifica elementos pedagógicos e administrativos desta “educação excepcional”, tais como os seguintes: “*Era tempo integral de educação (...) chegávamos numa segunda-feira à tarde, tendo-se aulas de terça a sábado (das 8:00 às 18:00), com internados, é óbvio (...) O bom rendimento era visível (...) a escola custava caro como a boa educação em geral*”. No que se refere aos aspectos relativos ao horário em que os alunos internos desenvolviam suas atividades, cabe indicar que ao associar esta organização temporal ao “bom rendimento”, Clóvis Cavalcanti demonstra ter incorporado em sua noção de “educação excepcional” mais um elemento do ideário da *École des Roches*, qual seja a proposta de que, além de ser construída em área campestre e afastada dos centros urbanos, tal escola deveria ministrar educação em tempo integral, com alunos internos (CAMBI, 2001). Igualmente, depreende-se a idéia de que o CNF ministrava um “bom ensino”, e que portanto seria “justo” que os custos deste ensino fossem elevados, o que expressa uma espécie de “defesa velada” do ensino privado. Tal defesa, ao que parece, demonstra a maneira como o ideário administrativo da FGV⁵ encontra suporte no discurso

⁵ Recordando que a este respeito PEIXOTO (1996) indica que a FGV seria uma instituição de direito privado

de atores que participaram da história de uma de suas instituições educativas, no sentido de fazer com que estes defendam individualmente o ideário da FGV, mesmo quando aparentemente estariam defendendo a memória do *Colégio* em que estudaram/trabalharam contra possíveis críticas dos defensores do ensino público e gratuito em relação ao caráter elitista do CNF.

O terceiro depoimento de ex-alunos do CNF recebe o título de: “Meu Pai Prof^o Castillo”, e tem como autora a ex-aluna Sandra Castillo. Cabe ressaltar que o referido depoimento é construído tendo como eixo de referência o pai da autora (Prof Mário di Lúcia Castillo), a cuja memória o depoimento é dedicado. Em tal depoimento, o principal elemento lembrado pela autora a respeito de sua vivência da história do Colégio daria conta da relação indissociável entre a sua família e o Colégio. É interessante indicar que a já mencionada relação indissociável entre a família e o CNF torna-se clara ao se analisar a seguinte passagem de seu depoimento: *“Nossa casa era uma grande comunidade (...) quantos irmãos CENEFISTAS [alunos do CNF] eu tive (...) alunos que eram convidados a se retirar do Colégio, ou que não podiam mais permanecer internos iam morar lá em casa”*. Percebe-se que a relação que a autora estabelece entre a casa, a família e o CNF mostra-se especialmente caracterizada quando se lê a referência aos “irmãos CENEFISTAS” e à idéia de que a sua casa seria uma “grande comunidade”, aberta a abrigar alunos do CNF que não mais pudessem residir nas dependências do Colégio. É possível (e diria, bastante recomendável) indagar em que medida o fato de ser filha de um dos professores do Colégio, não teria influenciado a autora no sentido de estabelecer relações estreitas entre o CNF e sua família, passando a ver nestes dois espaços sociais “padrões unidos” de modo indissociável (tal como proposto no hino do CNF, o qual será analisado adiante), padrões estes que encontrariam como elemento mediador a figura de Mario di Lúcia Castillo, simultaneamente ocupando na vida da autora do depoimento os papéis de “pai” e “professor”.

O depoimento de Pedro Paulo Lomba se remete ao cotidiano do CNF, destacando o clima de integração grupal, harmonia e disciplina vivenciado no Colégio. Assim, são destacados neste depoimento os seguintes elementos: 1) Os dois significados da memória

do CNF; 2) o ideário do CNF consubstanciado em algumas “palavras de ordem ” norteadoras da “vida comunitária” do CNF.

O primeiro dos elementos a que faz menção Pedro Paulo Lomba (“os dois significados da memória do CNF”) se mostra passível de ser apreendido mediante a leitura da seguinte passagem: “*As fotografias, as páginas da natureza, os quadros de aviso, todos os eventos documentais do CNF tem dois significados. Um, pessoal, saudosista, privativo do ex-aluno e do ex-adolescente que viveu e estudou no CNF. Outro, social, relembrando a experiência comunitária de professores, alunos e funcionários que construíram, no dia-a-dia, as relações de trabalho e de solidariedade que fizeram do CNF uma realização extraordinária da Educação Brasileira*”. Ao demonstrar a existência de uma associação entre os dois sentidos da memória do CNF, o autor deste depoimento estaria sinalizando para uma idéia de memória que está situada em um espaço para além das lembranças individuais, indo ao encontro da recordação (e porque não dizer, da possibilidade de reviver eventos pretéritos, remetidos à emoção por eles despertada) de um passado de relações entre os componentes da comunidade representada pelo CNF. Esta noção, volta a se manifestar, ainda que com uma forma ligeiramente diferente, no depoimento de um ex-professor do CNF, o qual será analisado a seguir. Cabe aqui, no entanto, relembrar que dentre as idéias pedagógicas (mas também filosóficas e administrativas) da *École des Roches*, instituição na qual o CNF se inspirou para a elaboração de sua infra-estrutura organizacional e seu projeto pedagógico (CARVALHO, 1988), estariam as noções de coesão grupal e integração comunitária, as quais, ao analisarmos esta passagem do depoimento de Pedro Paulo Lomba, parecem ter se mostrado fortemente marcantes no nível da memória individual do autor do presente depoimento, já que, passados vários anos da experiência vivida no CNF, tal autor retoma os já mencionados elementos relativos à coesão grupal e integração comunitária, transpostos do ideário pedagógico e administrativo constitutivos da *École des Roches* e transpostos para o CNF (CARVALHO, 1988). Por último, cabe destacar que, ao postular a existência de um aspecto social da memória do CNF que se encontraria presente nos documentos e que deveria ser preservado no âmbito do “Centro de Memória do CNF”, isso indica por parte do autor do depoimento, a idéia de que a experiência social é considerada por este uma das matrizes estruturantes da

já mencionada memória do CNF, e que devido a sua grande relevância para ele próprio e para o grupo de atores que vivenciaram a experiência do CNF (reconhecida por este autor como sendo a de uma “realização extraordinária da Educação Brasileira”), deveria por este motivo ser preservada. Embutida nesta “necessidade de preservação” encontra-se a noção de que a “vivência comunitária” seria mais importante que a vivência individual da referida experiência do CNF, o que remonta mais uma vez à noção de “ordem e coesão social” tornadas concretas pela via do ensino ministrado no CNF.

No tocante ao segundo dos elementos destacados para análise, é interessante mencionar que a noção de “palavras de ordem” constitutivas da vida comunitária, se dá a perceber a partir da leitura da seguinte passagem: “*Pontualidade, ordem e limpeza (mais realista do que) liberdade, igualdade e fraternidade*”). Ao proceder à leitura analítica deste fragmento, é necessário indicar que, mesmo não sendo considerado o tom jocoso em que o autor menciona as aludidas “palavras de ordem” norteadoras da conduta grupal dos alunos do CNF (“pontualidade”, “ordem” e “limpeza”), ainda assim, não deixa de ser interessante levar em conta a maneira como estas palavras de ordem surgem como imperativos de conduta que estariam acima dos princípios liberais de respeito entre os indivíduos postulados pela Revolução Francesa (“liberdade”, “igualdade” e fraternidade”). Assim sendo, cabe discutir em que medida os imperativos de “pontualidade”, “ordem” e “limpeza” não poderiam estar sendo elencados pelo autor do referido depoimento como uma forma de indicar que a “disciplina” comportamental a que se refere neste lema surgiria “espontaneamente” no âmbito da convivência grupal dos alunos do CNF, sem que houvesse uma coerção institucional do *Colégio* no sentido de instar os alunos a se adequarem aos já mencionados imperativos de conduta. Ao que tudo indica, os referidos imperativos de comportamento não poderiam ser implementados “de forma espontânea”, sem a necessidade de serem adotadas sanções disciplinares e demais mecanismos de controle por parte do *Colégio* em relação ao seu corpo discente com o intuito destes alunos. Assim, transparece um sentido velado para as “palavras de ordem” supracitadas, qual seja o de que tais palavras (mais realistas, segundo o autor do depoimento, do que o lema da Revolução Francesa) indicariam que, por parte do CNF as condutas dos alunos seriam rigorosamente vigiadas, e que seu aspecto de cumprimento formal seria amplamente exigido da comunidade discente sendo então a disciplina escolar um dos elementos que

fariam do CNF uma escola com um intenso caráter “formativo” no sentido de formar as disposições de conduta de seus alunos.

b) Depoimento de um ex-professor do CNF

O referido depoimento é de Afonso Britto Chermont e intitula-se: “CNF: uma visão sistêmica”. Neste depoimento, o autor procura caracterizar o CNF como um Colégio modelar no que se refere aos seguintes aspectos: 1) o sentimento de união e igualdade mediado por uma “visão sistêmica” do País, veiculada pelo ensino do CNF; 2) o caráter inovador e diferenciado do ensino naquilo que se refere às noções de educação, aos métodos didáticos e às atividades pedagógicas; 3) a associação entre as dimensões de convivência grupal no CNF, a orientação política e à orientação didática do *Colégio*. O ex-professor do CNF preocupa-se ainda em demonstrar de que maneira a sua formação (nas esferas acadêmica e profissional) encontra no CNF o espaço perfeito para se realizar de maneira integrada.

No que tange ao primeiro dos aspectos mencionados, é correto afirmar que este se torna explícito mediante a análise da seguinte passagem do depoimento ora analisado: “*O CNF me ensinou com a convivência com pessoas das mais diversas regiões do Brasil, e eu passei a entender que as diferenças existiam mas poderiam ser diminuídas, que todos pudéssemos nos sentir de forma homogênea brasileiros (...) Adquirimos, sim, uma visão orgânica do Brasil, ficou dentro de nós um objetivo sistêmico (...) No fundo somos todos iguais e podemos conviver dentro de uma certa igualdade (...) a solidariedade existia como um laço entre nós*”. Ao ler esta passagem, torna-se possível identificar que, associada à noção de “visão orgânica” do Brasil, estaria a noção de coesão grupal e homogeneidade cultural mediada pela escola. Este ponto será retomado em outra seção do trabalho, na qual correlaciono a idéia de que o CNF seria uma “forja do bem que plasma corações⁶” com a idéia de que esta escola estaria relacionada a uma estratégia do Estado (mas também das instituições privadas) nos anos de 1950-1970 no sentido de utilizar-se da escola secundária como via da construção de uma idéia de “consenso entre as classes” e “coesão social” apontada por Clarice Nunes (NUNES, 1979).

6 Esta é uma estrofe do hino do CNF, o qual será analisado a seguir.

Por ora, cabe apenas mencionar o impacto que as idéias de organização política e social veiculadas no CNF tiveram sobre Afonso Chermont, as quais fizeram com que visse no ideário do *Colégio* a expressão de um forte código de conduta nos níveis da organização social e da convivência com os pares.

Naquilo que alude ao segundo dos elementos do depoimento deste ex-professor do Colégio Nova Friburgo eleito para análise, é interessante indicar que este endossa a ideologia da excelência do ensino ministrado no Colégio, conforme se percebe com o seguinte excerto de tal depoimento: “*O ensino do CNF fugia do tradicional (...) o que dava um caráter inovador e diferenciado de todos os educandários existentes (...) as atividades proporcionavam aos alunos uma visão global de todas as áreas do conhecimento*”. Na passagem citada, infere-se que Afonso Chermont situa o CNF num plano superior aos demais Colégios de seu tempo, usando para tanto a idéia de que as atividades pedagógicas seriam o elemento inovador que tornaria este Colégio tão especial. Se for retomada uma parte dos resultados obtidos com a análise do periódico *Curriculum*, alusiva à seção denominada *Sugestões*, é possível entender que as atividades experimentais propostas nesta seção da *Revista* teriam sido realmente efetuadas (conforme se percebe no exame da matéria publicada em *Curriculum*), o que reforça a idéia de que a *Revista* seria efetivamente um veículo de divulgação do ideário pedagógico do CNF, especialmente no que se refere aos aspectos de experimentação didática e inovação pedagógica, e que este seria um dos principais elementos de construção da ideologia de excelência do Colégio propalada por seu periódico e (pelo menos em parte) por seus atores.

Em relação à representação do ideário do CNF contida numa espécie de “frase de ordem” que resumiria os aspectos políticos, pedagógicos e administrativos deste ideário, é conveniente informar que, apesar de conter somente quatro palavras, estas no entanto, no contexto do referido depoimento ganham uma dimensão comparável à de uma espécie de “código de conduta” que orientaria as atividades docentes, discentes e administrativas dos atores presentes no CNF. A “frase de ordem” é a seguinte: “*Visão Sistêmica, Democrata e Generalista*”. Cada uma destas palavras se refere a uma das dimensões da formação realizada no CNF. A primeira diz respeito à idéia de pertencimento orgânico à nação e ao correspondente sentimento de igualdade que anularia a possibilidade de haver discriminação entre indivíduos cujas diferenças culturais e sociais relativas às diferentes

regiões do País poderiam fazer surgir. Cabe relacionar a idéia de “visão sistêmica do Brasil” à noção de “unidade nacional” construída (também, mas não somente) nas escolas durante o período Estado Novo (ROMANELLI, 1993), indicando que neste depoimento transparece este traço análogo aos já mencionados elementos de propaganda ideológica presentes nas escolas durante o período do Estado Novo, circunscrevendo-se, porém ao âmbito do convívio com a comunidade do CNF. Naquilo que alude à segunda das palavras componentes da “frase de ordem” destacada do depoimento de Afonso Chermont (“Democrata”), é necessário compreendermos que para o autor, a democracia se expressa na possibilidade de escolha dos líderes, denotando uma idéia de democracia representativa, que segundo ele, estaria presente no CNF, seja no que se refere às atividades discentes (como por exemplo: escolha de líderes estudantis de grêmios, clubes de teatro, música) seja em relação à escolha de líderes das atividades docentes (tais como: Conselho Pedagógico, Conselho Escolar), indicando ainda que sua visão de democracia foi construída tendo como referência a organização administrativa do CNF. Por último, no que se refere à terceira das palavras da “frase de ordem” utilizada pelo ex-professor do CNF para caracterizar o CNF, é correto indicar que a idéia de intercomunicação entre as diversas áreas do conhecimento poderia indicar uma orientação curricular realmente diferenciada em relação às demais escolas de seu tempo, porém tal integração, ao se realizar somente pela via das atividades extracurriculares (ver o depoimento de Afonso Chermont, em anexo), poderia vir a não se mostrar totalmente concretizada devido ao fato do currículo do CNF ter sido estruturado com base em disciplinas e não em áreas integradas do conhecimento (CARVALHO, 1988), o que não significa, no entanto afirmar que as referidas atividades extracurriculares não teriam sido desenvolvidas sob a égide de uma didática experimental, inovadora em relação às demais escolas de sua época.

c) Comparando os depoimentos

Após analisar detalhadamente os depoimentos de alguns dos atores que vivenciaram (ao menos em parte) a história do CNF, procuro, a partir da comparação destes depoimentos entre si, identificar como a experiência educacional do CNF é representada em seu discurso. Assim, empreendendo tal análise, divido em dois grupos os resultados

deste processo de análise do discurso: a) *O discurso dos atores em relação às idéias pedagógicas, políticas e administrativas do CNF*; b) *O discurso dos atores no tocante aos aspectos alusivos à convivência grupal*.

No que tange ao primeiro resultado da análise conjunta dos depoimentos, duas tendências merecem ser destacadas: 1) As menções ao “clima paradisíaco” e à nostalgia frente aos momentos vividos junto à natureza indicam uma referência velada ao ideário pedagógico da *École des Roches*, o qual, conforme já mencionado anteriormente veio a influenciar largamente a proposta pedagógica e a infraestrutura física do CNF. Tal menção indica que ao menos em parte, este ideário veio a se tornar efetivamente concreto no CNF, dada a recorrência com a qual os autores dos depoimentos enfatizam este aspecto de bucolismo presente nos aspectos físicos do CNF. 2) Pela via do discurso, percebe-se que os atores do CNF endossam a “ideologia da excelência” do Colégio, propalada pelos atores institucionais responsáveis pelo CNF (tal como visto nas seções anteriores, referentes aos livros sobre o CNF e à *Revista*), sendo que tal ideologia encontraria suporte nas idéias de que o caráter inovador do ensino e as regras disciplinares diferenciadas (seja quando estes atores afirmam uma ênfase na estratégia de autogoverno dos alunos, seja quando elogiam o CNF pela sua postura “firme” quanto à disciplina) seriam elementos de destaque, caracterizadores da excelência do Colégio frente às demais instituições escolares de sua época. Este duplo suporte da “ideologia de excelência do Colégio” indica que o impacto das idéias (pedagógicas, mas também políticas e administrativas) teria sido bastante acentuado no que tange aos atores presentes no CNF durante sua história. Retomando um trecho de um dos discursos de inauguração do GNF, proferido por Luiz Simões Lopes: “(...)a finalidade é concorrer para a formação de uma elite brasileira (CARVALHO, 1988; p. 28)”, conclui-se que a estratégia de formação teria sido bastante enfatizada, e possivelmente levada a cabo de maneira não menos completa, haja vista a afinidade de discursos entre os alunos, professores e responsáveis pelo CNF, em suas várias instâncias de produção (livros, *Revista* e depoimentos sobre o CNF).

No que diz respeito aos aspectos relativos à convivência grupal, os autores dos depoimentos indicam que havia um forte sentimento de coesão grupal, a qual, quando aludida nas relações entre os pares (professores em sua relação com os demais professores e alunos em sua relação com os demais alunos) dá conta da existência de fortes laços de

amizade, enquanto que nas relações intergrupais (relações entre professor-aluno, professor-direção e aluno-direção) haveria um clima de “convivência harmônica”. Tendo em vista o fato de que alguns dos depoimentos se referiam à existência de normas disciplinares rígidas, há que ser indagado em que medida esta convivência grupal harmônica, e a coesão grupal a que aludem os depoimentos não eram construídas mediante o emprego de sanções disciplinares rígidas por parte daqueles que descumprissem as diretrizes de conduta propostas pelo *Colégio*. Sobre isto os documentos ‘não falam’, mas talvez justamente este silêncio quando o assunto a ser tratado é o dos mecanismos de punição/correção para aqueles (alunos, funcionários ou professores) indique a existência de normas disciplinares e sanções punitivas rígidas, as quais poderiam ter sido excluídas dos registros da memória do CNF com vistas a não diminuir a “excelência” daquela que teria sido: “a melhor escola de ensino médio do País”.

Análise do Hino do CNF

Mesmo correndo o risco de parecer estar “começando pelo fim”, ou “terminando por onde deveria ser o começo”, procedo à análise do Hino do CNF. Apesar do Hino conter muitos dos elementos que viriam a se consubstanciar em diretrizes de conduta, propostas de formação docente e eixos da ideologia política propalada pela FGV e seguida (ao menos em grande parte) pelo CNF, e que poderiam ser utilizados para iniciar a discussão a respeito destes mesmos aspectos, opto por colocá-lo ao final da análise empreendida nesta seção devido aos seguintes motivos: 1) a análise de um documento tão carregado ideologicamente como um Hino poderia obstar à clareza de visão necessária para a compreensão de vários aspectos das idéias do CNF trabalhados em perspectiva histórica; 2) ao ser colocado no final, o Hino fornece subsídios para ilustrar hipóteses que foram aventadas em seções anteriores do presente trabalho, tais como a de que o CNF investiria fortemente em estratégias de formação das condutas dos alunos. Após esta breve explicação segue abaixo uma transcrição do Hino, acompanhada de uma análise de algumas de suas estrofes principais no que se refere ao objetivo de investigar as idéias veiculadas no CNF.

HINO DO COLÉGIO NOVA FRIBURGO DA FGV

Música do Prof Euclides Pereira de Mendonça

Letra do Prof. Jamil El-Jaick

Nas montanhas de Friburgo,
 Jovens, lutamos
 Para vencer.
 Nosso lema é a virtude,
 E' a saúde,
 E' o saber.

A Pátria, a escola, o lar, a fé, padrões ungidos,
 Todos unidos,
 Engrandecemos.
 Do estudo um campo de batalha nós faremos
 Para aprender
 E triunfar

Nossa vida é uma esperança que sorri
 Sob êste céu
 De intensa luz.
 As alturas nos convidam a subir
 E conquistar
 Nosso porvir.

Avante, pois,
 Avante, companheiros,
 Para alcançar
 Valores verdadeiros.

C. N. F.
 És nosso lar amigo, Forja do bem
 Que plasma corações!
 No teu calor
 Felizes nós vivemos,
 Teu nome sempre glorificaremos
 Buscando a glória e a grandeza do Brasil,
 Do Brasil,
 Pelo Brasil.

Na primeira estrofe, é destacado novamente o lema do *Colégio* (“saúde”, “saber” e “virtude”). Ao que tudo indica, isto seria feito com vistas a levar os alunos e memorizarem de maneira eficiente os princípios de conduta que regiam esta instituição. Tal como visto anteriormente, o lema do CNF se configura como elemento central de um discurso que

permeia várias instâncias de produção, quais sejam, os depoimentos de ex-alunos, professores e funcionários e o discurso do Professor Luis Simões Lopes proferido na inauguração do CNF. Assim, devido ao caráter solene das cerimônias em que o Hino do CNF era executado, o CNF ao colocar o lema como parte deste Hino acaba por relacionar o lema a este aspecto solene, contribuindo assim para dar suporte à preservação deste aspecto do ideário do *Colégio* ao longo do tempo, no que se refere à memória de seus atores.

A segunda estrofe apresenta igualmente uma passagem que merece destaque, por indicar a recorrência de um elemento já apontado em outras seções deste trabalho (no capítulo relativo ao CNF representado em seus dois livros institucionais e no item relativo à análise dos depoimentos), a saber, a relação entre escola, família e religião (católica). Isto se mostra particularmente explícito na seguinte passagem da segunda estrofe do Hino do CNF: “A pátria, a escola, o lar, a fé, padrões unguídos, todos unidos, engrandecemos (...)”. Nesta passagem, ao referir-se a já mencionada relação, de modo a indicar que todos os elementos (os “padrões” mencionados na estrofe do Hino) seriam “unguidos”, o Hino estaria fazendo uma alusão ao caráter “sagrado” de tal relação ao ser tomada pelo ponto de vista dos responsáveis pelo CNF, bem como, ao indicar que estes elementos estariam “todos unidos”, percebe-se que subjacente a este caráter sagrado estaria a idéia de que a união indissociável entre estes elementos também seria sagrada, cabendo portanto aos alunos, professores e funcionários do CNF zelar pela manutenção desta união. Ao correlacionar esta estrofe ao depoimento de Sandra Castillo (ex-aluna do CNF), quando afirma que: “*nossa casa era uma grande comunidade(...)*”, e ao depoimento de Afonso de Britto Chermont (ex-professor do CNF), na passagem em que este aduz que: “*Adquirimos, sim, uma visão orgânica do Brasil, ficou dentro de nós um objetivo sistêmico (...) No fundo somos todos iguais e podemos conviver dentro de uma certa igualdade (...) a solidariedade existia como um laço entre nós (...)*”, é possível perceber que a idéia de integração entre escola, comunidade, pátria e religião encontrou eco em ex-alunos e ex-professores do CNF, o que dá a entender que este imperativo de conduta fez realmente parte das normas institucionais e do ideário pedagógico do Colégio.

Na quinta estrofe encontram-se duas passagens que reputo como sendo também de grande importância para a análise que busco empreender. Em relação à primeira passagem: “C.N.F. És nosso lar amigo, Forja do Bem Que Plasma Corações!”. Cabe

indicar que a “metáfora da forja” dá a entender que, assim como visto no discurso de inauguração proferido pelo Professor Luiz Simões Lopes (quando este indica que um dos objetivos do GNF seria o de: “formar uma elite brasileira”) o CNF investia na proposta de formação dos alunos, não somente no nível dos conteúdos, mas, principalmente no nível das condutas, pois conforme se sabe, a “forja” é utilizada de modo a fazer com que o metal ainda quente possa adquirir a forma desejada em seu molde. Assim, ao que parece, a pedagogia desenvolvida no CNF teria levado a termo um dos objetivos primordiais da constituição deste *Colégio*: moldar seus alunos de acordo com o ideário do CNF (e da FGV) pelas via do controle das condutas e da hipervalorização dos elementos ideológicos (políticos, filosóficos e pedagógicos) postulados pela sua direção. A segunda das passagens que me proponho a analisar, diz respeito ao modo como surge no Hino uma referência à idéia de grandeza do País. Nesta passagem: “Teu nome sempre glorificaremos (...) Buscando a Glória e a Grandeza do Brasil, do Brasil, Pelo Brasil.” Analisando este trecho é possível perceber que, a valorização da pátria seria tema recorrente nas atividades de ensino, assim como indica Mark Anthony de Mello na seguinte parte de seu depoimento, quando alude à memória que o CNF teria deixado para seus antigos alunos, professores e funcionários: “*Manifestação Política em prol da Nação, Espírito Pátrio e Participação (...) este é o verdadeiro legado do CNF*”. Ao relacionar estas duas passagens é possível inferir que as idéias (políticas, pedagógicas e administrativas) vieram a se inscrever nos atores participantes da história do CNF de modo bastante próximo ao pretendido pelos responsáveis pelo *Colégio* (tal como visto também nos discursos de inauguração do GNF).

REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston *Ensaio sobre o Conhecimento Aproximado*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

BACHELARD, Gaston. *A Poética do Espaço*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BACHELARD, Gaston. *A Formação do Espírito Científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

CAMBI, Franco. *História da Pedagogia*. São Paulo: Editora da UNESP, 2001.

- CARVALHO, Irene Mello. *COLÉGIO NOVA FRIBURGO DA FUNDAÇÃO GETÚLIO VARGAS: histórico de suas realizações*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1988.
- CARVALHO, Irene Mello. *O Ensino por Unidades Didáticas*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1969.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1993.
- DUBY, Georges. *A História Continua*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- LE GOFF, Jacques. Historia. In: *Enciclopédia Einaudi, v.1, Memória-História*. Porto: Inova/Artes Gráficas, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985 (p. 158-178).
- LE GOFF, Jacques. Documento/Monumento. In: *Enciclopédia Einaudi, v.1, Memória-História*. Porto: Inova/Artes Gráficas, Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1985 (p. 95-106).
- NUNES, Clarice. (Des) Encantos da Modernidade Pedagógica. In: LOPES, Eliane Marta Teixeira; FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VEIGA, Cynthia Greive. *500 Anos de Educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autentica, 2000.
- PEIXOTO, Maria do Carmo Lacerda de. A Educação Superior em Cinco Periódicos: Debate e Crítica, Ciências Sociais Hoje, Revista Brasileira de Ciências Sociais, Boletim Bibliográfico e Forum Educacional. In: MOROSINI, Marília, SGUISSARDI, Waldemar (orgs.). *A Educação Superior em Periódicos Nacionais*. Vitória: FCAA, 1996.
- PERELMAN, Chain, OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. *Tratado da Argumentação: a Nova Retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- RANCIÈRE, Jacques. *Políticas da Escrita*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1995.
- ROMANELLI, Otaíza de Oliveira, *História da Educação no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 1993 (15. ed).

ANEXO – Depoimentos sobre o CNF colhidos junto à AEX/CNF **(www.gnfcnf.com.br)**

Depoimento de Afonso Chermont (ex-professor do CNF)

CNF UMA VISÃO SISTÊMICA

Tenho, no meu pensamento, tentado identificar o que está por trás e o que envolve, nos dias de hoje, o antigo CNF e seus convivas – professores, alunos e funcionários. O que faz permanecer unidos numa convivência que parece definitiva? Nos vinte e sete anos de existência do Colégio Nova Friburgo (inaugurado em 1950 e fechado em 1977) passaram muitas pessoas, muitos alunos, que receberam um treinamento muito especial para a vida, esse treinamento é o que acredito ter sido o fator que unes a nos todos. Um curso ginásial e científico, ou de 1º grau, como se diz na linguagem da educação de hoje, é mais importante que o ensino superior, por várias causas: primeiro, porque, ocorre na mesma época em que o jovem está em plena transformação física e mental, passando para adolescência, o que é uma significativa mudança na sua vida; depois, porque, a juventude atravessa o complicado processo de definição daquilo que está querendo ser como participe da sociedade.

É justo nessa fase que os jovens, que se transformarão nos homens de influência na sociedade, precisam de melhor atenção e cuidados especiais. Qualquer deslize, nesse período, poderá ser fatal na formação de suas personalidades.

Considerando esse aspecto é que consigo entender como o CNF foi importante na nossa formação. Os que hoje comparecem e se confraternizam, nos encontros da associação, estão a clamar e ressaltar a educação, sem deslizes, que lhe foi concedida no momento da plenitude do Colégio Nova Friburgo.

Esse aspecto é relevante mas, não foi só isso, o CNF nos deu muito mais. Nos deu uma visão sistêmica do país. Lembro que logo que cheguei me sentia com cara de búfalo do Marajó. Ficava pensando como era possível eu estar falando a mesma língua, com diferentes sotaques é claro, com um cara de Santa Catarina, do Paraná, etc. Eu olhava para os paulistas, com certa desconfiança, porque diziam que eles eram imperialistas e que dominariam o Brasil logo-logo. Os nordestinos, (grandes figuras!) eu os imaginava, na minha ignorância infantil, uns caras bravos. Lembravam-me a figura de Lampião (um dos raros filmes, nacional, que eu havia assistido até então) e me assustavam com uma valentia, talvez, desnecessária. A minha vingança é que eu achava a Maria Bonita uma merda de mulher e, então, eu generalizava: vão todos ter que se contentar com as suas feias Marias Bonitas. Eu vou querer para mim uma cabloca, cor de jambo, linda, brejeira, perfumada com cheiro de açucena ou, quem sabe, uma alemã (tipo Vera Fisher) que estaria ali, por Murí, perto de Friburgo e, não menos cheirosa.

A visão sistêmica a que me refiro não se restringe ao aspecto das características do nosso povo, na minha visão ingênua e singela. O CNF me ensinou, com a convivência com pessoas das diversas regiões do Brasil, e eu passei a entender que as diferenças existiam mas poderiam ser diminuídas, que todos pudéssemos nos sentir, de forma homogênea, brasileiros; que o nosso nível de conhecimento poderia ser mais próximo; que as nossas oportunidades fossem definitivamente equivalentes. Adquirimos, sim, uma visão orgânica do Brasil, ficou dentro de nós um objetivo sistêmico. No fundo aprendi que somos todos iguais e que podemos conviver dentro de uma certa igualdade.

O CNF me ensinou, melhor, nos ensinou, a todos, que poderíamos viver uma democracia. A demonstração permanente de conagração entre professores alunos e funcionários apontava para essa direção. Havia autoridade, sem autoritarismo. A solidariedade existia como um laço ou vínculo

recíproco entre nós. As lideranças se forjavam como que por imposição do próprio grupo dependendo, diretamente, da atividade que se estava desenvolvendo. Não havia o chefe havia o líder com a noção perfeita da distribuição equitativa do poder.

O ensino no CNF fugia do tradicional: não havia a sala de aula e sim as salas ambiente que os alunos se deslocavam -- verdadeiros laboratórios com equipamentos e ilustrações específicas a cada matéria -- o que dava um caráter inovador e diferenciado de todos os educandários existentes; havia as atividades extra classe que proporcionavam, aos alunos, uma visão global das diversas áreas do conhecimento. Era possível se ter uma boa noção das artes, sendo um aluno vocacionado para as ciências exatas. Era possível ser um estudioso em matemática sem desconhecer a importância da música, por exemplo. Era possível ser bom de estudo e de esporte. Como hoje, na moderna sociedade do conhecimento, a pessoa não pode, ser apenas um especialista, o saber específico dá lugar a algo mais geral. Também, como na indústria, não se produz mais um bem, se cria, sim, um processo. O nosso CNF, já, naquela altura, insinuava isso tudo !

Então, visão sistêmica, democrata, generalista, e, com um certo tipo especial de liderança, isso tudo, faz parte do conteúdo do ex-aluno CNF aliás, muito bem definido em nosso símbolo – saúde, saber e virtude.

Em uma certa ocasião, muito anos após termos passado pelo CNF, identifiquei essa situação: estava em Brasília e, por acaso, soube que o Márcio Braga estaria tomando posse na Secretaria dos Esportes no Ministério da Educação. De imediato, fiquei interessado em prestigiar a cerimônia. Cheguei um pouco atrasado mais ainda ouvi o discurso do caro Márcio. Claro, que ele se referiu ao Flamengo com entusiasmo e, na mesma intensidade revelou sua gratidão pela escola da Fundação Getúlio Vargas – Colégio Nova Friburgo, onde ele aprendeu, entre tantas outras coisas, que a educação está intimamente ligada ao esporte, tratando-se, pois, de segmentos indissociáveis. Dentro de sua linha de raciocínio Márcio disse que estava na primeira fila do auditório um seu ex-professor do CNF e que confirmaria àquela sua afirmação, referindo-se ao colégio como uma entidade modelar. O meu testemunho não foi solicitado porque eu não havia me apresentado, o fiz logo após o encerramento da cerimônia, quando, na presença de algumas pessoas ligadas à educação e ao desporto, sublinhei àquelas suas palavras. Márcio, em ato, me confessou ter duas paixões: referiu-se ao Flamengo e, evidentemente, ao CNF.

Nesse meu texto queria prestar uma homenagem aos professores, alunos, e funcionários do nosso CNF e, o faço, citando o Márcio, apenas ele, mas, em nome de todos nós, porque, ao reunir a todas as qualidades -- saúde, saber e virtude --, foi ele, com sua liderança, que iniciou os encontros anuais em Friburgo e, agora, temos a associação, fortíssima na sua visão sistêmica e seus pressupostos de democracia, que haverá de transmitir, para outras gerações, esses preceitos.

Belém / PA, julho de 2000

Afonso Brito Chermont

Depoimento de Paulo Lomba – Ex-aluno do CNF. Coordenador do Centro de Memória do CNF mantido pela AEX/CNF

CENTRO DE MEMÓRIA DO CNF

As fotografias, as páginas da natureza, os quadros de aviso, todos os eventos documentais do CNF tem dois significados.

Um, pessoal, saudosista, privativo do ex-aluno e do ex-adolescente que viveu e estudou no CNF. Outro, social, lembrando a experiência comunitária de professores, alunos e funcionários que construíram, no dia-a-dia, as relações de trabalho e de solidariedade que fizeram do CNF uma realização extraordinária da Educação Brasileira.

O Centro de Memória do CNF deve levantar o aspecto social da experiência educacional. O conselho de alunos, as atividades extra-curriculares livremente organizadas, a auto-disciplina refletida na palavra-de-ordem "Pontualidade, Ordem e Limpeza" (mais realista do que "Liberdade, Fraternidade e Igualdade"), a biblioteca, os alunos explicadores, o banco de alunos, as olimpíadas com as três bandeiras, a banda e conjunto Papoula, a PR-Chacrinha e o programa de auditório da era do rádio, o estudo dirigido, a correspondência internacional, os bailes, o teatro, os serviços voluntários dos alunos, que pintavam as paredes do ginásio e cenários teatrais, as provas globalizadas, o horário das camionetes - devem ser rememorados, expostos, constelados.

Nas relações intensivas, internas e externas, da comunidade do CNF, está o valor da grande experiência educacional realizada. Nunca houve projeto formal destinado a traduzir o CNF. O Centro de Estudos Pedagógicos, na realidade, nasceu dos valores gerados na vida diária do internato excepcional num país em que colégio interno era sinônimo de repressão e causava terror.

Se foi possível naquela época, porque não o será, ainda mais, hoje?

Pedro Paulo Lomba

7 OUT 87

Depoimento de Clóvis Cavalcanti – Ex-aluno do CNF / Economista e pesquisador social

UMA EDUCAÇÃO EXCEPCIONAL

Há cinquenta anos, foi inaugurado pelo Presidente Eurico Dutra, em Nova Friburgo, RJ, um internato de ensino secundário, o Colégio Nova Friburgo (CNF), de propriedade da Fundação Getúlio Vargas. A iniciativa resultou de projeto concebido pelo presidente da FGV, Luiz Simões Lopes, inspirado em internatos ingleses para meninos (como o do filme *A Sociedade dos Poetas Mortos*). Tentando adaptar a instituição às condições brasileiras, Simões Lopes, juntamente com a educadora Irene de Mello Carvalho, imaginou uma escola onde houvesse clima de ampla liberdade, com auto-disciplina dos jovens, professores selecionados através de processos rigorosos, em escala nacional, e vida comunitária em ambiente semelhante a um campus universitário, onde morassem não só os estudantes, mas também os professores e demais funcionários da escola. Em 1952, depois de passar por um exame de seleção nacional, fui para lá, com 11 anos de idade, fazer o admissão (que durava um ano todo). Longe de minha família, residente em Pernambuco e que eu via nas férias, nunca me senti deslocado no ambiente do CNF, em que fiquei até concluir o científico (em 1959).

A escola tinha uma localização privilegiada, quase 200 metros acima da cidade de Nova Friburgo, rodeada de montanhas, em 400 ha de área privada sua, com fontes de água próprias, belos jardins e um prédio central em estilo normando, lembrança em pequena escala do Hotel Quitandinha, de Petrópolis. Dispondo de um edifício para atividades esportivas em ambiente fechado (o lugar era muito frio, com temperaturas no inverno que chegavam a 2°C), a escola contava ainda com campo de futebol e atletismo e quadras e piscinas ao ar livre. Compondo uma pequena vila, margeavam o campus do educandário, bem no sopé de suas elevadas montanhas, residências de muito boa feição, confortáveis, com lareiras, onde viviam os professores casados, além de outras casas, mais simples, dos funcionários administrativos do colégio.

Se o cenário era extraordinário – como podem comprovar os pernambucanos que lá estudaram, a exemplo de meu irmão Cláudio, Fernando Freyre, Luiz Carlos Freyre, Gustavo Queiroz, José Almino e Guel Arraes, Antônio José Lemos, Jorge Gomes Barros e muitos outros mais –, a educação que nele se oferecia só pode ser classificada com uma palavra: excepcional. Não que o Colégio tivesse o propósito de preparar gênios ou pessoas superdotadas. A questão é que, dentro de uma vida que, hoje, em retrospecto, parece claramente a de um hotel de muitas estrelas (dispúnhamos de muitas mordomias), tínhamos aulas e orientação extra-curricular, realizávamos práticas esportivas, etc., em nível da melhor qualidade. Era tempo integral de educação (que entrava pela noite, nos "estudos"). O Colégio possuía um sistema em que chegávamos numa segunda-feira à tarde, tendo-se aulas de terça a sábado (das 8h às 18h, com intervalos, é óbvio). No domingo, pausa, retomando-se o ritmo na segunda-feira, com aulas só até às quintas. Aí, uma interrupção, sem aulas, de sexta a segunda-feira, quando os que moravam não muito longe viajavam a suas casas. Até hoje, confesso, nunca vi nada parecido. Todo mundo gostava, pois estudávamos muito, mas também nos divertíamos. O bom rendimento era visível (eu aprendi lá francês, inglês e espanhol). A escola custava caro, como a boa educação em geral. Por isso, durou somente até 1977, quando, dobrando-se à mediocridade, teve de cerrar suas portas. Seu fabuloso patrimônio, meno male, está a serviço, hoje, da Universidade Estadual do Rio de Janeiro.

Depoimento de Mark Anthony De Mello – Ex-aluno do CNF durante os anos de 1970, 1971 e 1972

CNF O VERDADEIRO LEGADO

Às vezes fico pensando qual será o verdadeiro legado do CNF, da entidade que um dia existiu, que nos acolheu, e que de alguma maneira uniu nossos destinos novamente. Uniu nossos destinos mais uma vez, graças aos louváveis esforços daqueles que criaram esta rede, criaram a associação, o museu, o recrutamento para 7 de setembro e os famosos Choppapos. A entidade CNF cumpriu mais uma vez sua missão, unindo suas crias anos depois, como também as crias destas.

Estive visitando o colégio em 27/07/2002 com meu amigo e também ex-aluno, Sebastião Assis (Tião PC), junto conosco estavam meu filho de 13 anos e meu sobrinho de 12. Tião mora há 20 anos no exterior e há 15 não vinha ao Brasil. Meu filho e meu sobrinho ficaram fascinados, disseram que se o colégio estivesse aberto ficariam lá direto, nem voltavam para o Rio. Ao contrário das crianças, eu e Tião ficamos muito tristes com o que vimos, e depois ficamos paus da vida!

Fiquei conversando com Tião sobre o Legado do CNF, por que nos uniu novamente? A entidade parecia querer falar conosco, “olhem o que fizeram comigo! Olhem meus prédios caindo aos pedaços, meus vidros quebrados, minhas quadras cobertas com o tabuado sem trato, meus jardins, meus telhados, além de perder minhas crianças e sua algazarra musical, perdi meus mestres discípulos, fui doado a pessoas estranhas e ainda sou mal tratado, sinto-me um velho moribundo”.

Várias gerações passaram pelas salas do CNF, antes da ditadura, durante ela e uns poucos no seu final. Hoje são mestres doutores, médicos, escritores, artistas, políticos, cientistas, juristas, vendedores, corretores, empresários, engenheiros, professores, desempregados e mais uma centena de coisas, mas todos Brasileiros, sim Brasileiros que viram como um colégio de verdade pode ser! Segundo Tião, que é professor PhD nos EUA, a inspiração do CNF veio em parte do secular Eaton College Inglês.

Acho que devemos refletir sobre o verdadeiro Legado do CNF, o lazer e a confraternização ajudam a unir os espíritos, mas parece que a entidade quer mais dos seus filhos. Hoje não somos apenas alunos de ginásio e científico que um camburão do DOPS bota para correr quando sobe a ladeira, também não somos otários embriagados com o porre da democracia, para sermos passivamente vilipendiados por políticos em nossos direitos de cidadão. Será que vamos deixar fazer com nossa Pátria, o que fizeram com o nosso CNF?

Moreira Franco assinou o decreto passando o imóvel do colégio para a UERJ, bastou uma canetada, e até hoje algumas demãos de cal com corante amarelo no prédio principal. Quantas universidades possuem instalações como aquelas? Não tratam de nada, só sugam!

Confesso que pensei até em uma Ação Civil Pública.

Quanto a FGV que se gaba de formar gênios em administração, limito-me a dizer que não foi capaz de tocar o mais importante projeto educativo da América Latina nos últimos 50 anos.

Mais uma vez as eleições se aproximam, a situação do país não precisa ser mencionada e nós estamos aqui unidos novamente, será que podemos fazer alguma coisa? Lembram do aluno diretor?

Lembro-me quando desfilava na banda, sentia-me como parte de uma verdadeira tropa de elite, bravo, viril e pronto para qualquer missão, era 7 de setembro, o dia da Independência. Somos esta tropa de elite, hoje com patentes mais altas na vida, mais maduros e melhor posicionados.

Manifestação política em prol da nação, espírito pátrio e participação, o Fórum está aberto, participem, este é o verdadeiro Legado do CNF.

Depoimento de Sandra Castillo – Ex-aluna do CNF e filha do Professor Mario de Lúcia Castillo

MEU PAI PROFº CASTILLO

O tempo passa, e com ele vai ficando dentro de mim uma saudade muito grande de meu pai. Meu pai que foi exemplo de dignidade, honestidade, profissionalismo, humildade, caráter e muito amor a nós e ao próximo.

Tinha dentro dele a satisfação do dever cumprido. O orgulho de ter tido a mulher que teve e de ter proporcionado a ela tudo o que tinha de si. Todas as suas atitudes eram voltadas para a família, aqueles que conviveram com ele sabem disso. Os amigos, o Campos, o Danny, Lauro, Jayder, Ezequiel, Abelardo, Olavo, Assunção e tantos outros e Jordão seu grande companheiro de cursos e galhofas, sabem do que estou falando.

Sabem do seu desprendimento, que era capaz de tudo para ajudar um amigo, mesmo que esses amigos fossem nossos, pois fazia seus, os nossos amigos. Nossa casa era uma grande comunidade. Minha mãe mantinha tudo sob controle. Ela achava que era mais fácil controlar os sete filhos, se nós ficássemos em casa, e conosco os amigos. Era sempre uma grande alegria. Festas, torneios de biriba, até ensaios de teatro em dias de descida eram feitos lá em casa. E tudo com o maior bom humor, coisa normal.

Quantos irmãos CENEFISTAS eu tive. Quase todos os alunos que eram convidados a se retirar do colégio, ou que não podiam ficar mais internos, iam morar lá em casa. A gente espregueava um pouco e já cabia mais um. Isso sem falar dos nossos cachorros. E nossas férias, como eram boas nossas férias. Muitas vezes Marataízes, marimbondo tinha uma casa lá e emprestava para o pai que sempre dava um jeitinho de dar um curso em Cachoeiras do Itapemirim, para que nós pudéssemos ir para lá.

Quanta farra. Éramos os donos da cidade, desde o único guarda da cidade, que ia lá para casa com a farda embrulhada num jornal, e quando acabava a nossa cerveja, colocava a farda e partia para multar carros que chegavam a 10, 20 km, por excesso de velocidade, para angariar fundos para continuarmos as nossas farras, até o irmão do professor Heraldo, que era Diretor do Iate Clube a quem sempre recorriamos para convites de carnaval. Tinha uma galera grande do colégio que passava as férias lá também, né corujinha?

Quando minha mãe, faleceu, achei que não iríamos sobreviver. Larguei tudo para ser a companheira do meu pai.

Viajamos muito. Fomos para o sul acampando e depois fizemos uma memorável viagem para o norte e nordeste. Essa viagem marcou tanto a sua vida, que nos seus últimos meses de vida, era uma das poucas coisas em que falava. Tinha alguns lampejos de lucidez, recordando os seus queridos alunos que, com suas famílias, tão gentilmente nos receberam, Chermont, Zeno, Zé Cunha.....e tantos outros.

Foi para Assunção, e passava todas as suas férias, em minha casa. Meu companheiro, meu amigo. Como foi difícil para mim cuidar de meu pai como um bebê. Como me doía. Mas fazia com tanto amor, tanto carinho, não era

reconhecimento era puro amor. Nunca imaginei que pudesse amar tanto. Meu pai quanta saudade. Como eu gostaria que estivesse ao meu lado, como sempre estavas. Tomando nossa cervejinha, batendo nossos papos. Quantas vezes chorei em teu ombro minhas dores, tão pequenas (agora é que eu sei o que é verdadeiramente dor) Os nossos almoços de domingo sempre regados a amigos . O teu clube de teatro, quantas alegrias, né meu pai. Festivais de teatro. Fazias um trabalho amador de primeira grandeza, muitos prêmios, seu elenco era formado sempre de grandes amigos.

Quantas serenatas, quantas vezes virávamos a noite esperando abrir a padaria para comprar o pão quentinho, as vezes esbarrávamos na massa e ela murchava, naquele dia não tinha o pão das 6h. Quantas vezes brincávamos de polícia e ladrão, com a polícia. Ganhávamos sempre, pois da varanda lá de casa podíamos controlar os movimentos do inimigo. Como a vida era boa. Nós éramos felizes e sabíamos disso. Talvez por isso meu pai, eu não consigo aceitar não ter mais a tua presença ao meu lado. Queria, Gayer, agradecer teu carinho e toda a atenção que você teve comigo nos cuidados com o pai. Não fui tua contemporânea no colégio, mas com certeza aprendemos junto o que é amizade e amor ao próximo, serei sempre agradecida. A você gordo egge, que foi o mentor da idéia de solicitar dos amigos do colégio a ajuda nas despesas de remédios. Aos amigos que me ajudaram, alguns continuam ajudando, outros até fazendo questão de se manterem anônimos, podem ter a certeza de que de onde ele está, e com certeza está muito bem, seu coração está feliz por saber que fez tantos amigos nessa sua passagem por essa vida. E tenho certeza que ficou dele, um pedacinho dentro do coração de cada um de nós.

Um grande e fraternal abraço a todos os amigos, em meu nome da minha família e do meu Pai.